

## CONSTRUÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA: CONTRADIÇÕES E DIVERSIDADE

### *Eixo Temático 26 - Juventudes Contemporâneas Articulações com os Estudos Culturais, Gênero e Sexualidade*

Vinicius Francisco Oliveira<sup>1</sup>

Jimena de Garay Hernández<sup>2</sup>

Júlia Gomes da S. Nascimento<sup>3</sup>

Yasmim Sena de Sales<sup>4</sup>

Yuri Wesley de Souza Oliveira<sup>5</sup>

### RESUMO

O trabalho pretende apresentar reflexões advindas de um projeto de extensão sobre gênero e sexualidade desenvolvido em duas turmas do oitavo ano em uma escola municipal do Rio de Janeiro. Dentro da heterogeneidade das turmas, discutimos aqui questões que os/as estudantes, que poderíamos entender como no começo da juventude, têm trazido às atividades. Nos encontros, nos quais fazemos uso de diversos disparadores e recursos, jovens têm expressado preocupações, referências e performances corporais no que tange a identidades culturais de gênero, território, sexualidade, raça e religião. A discussão coletiva dessas construções tem sido marcada por contradições e conflitos, mas também pela explicitação da diversidade e da sua importância nas trajetórias juvenis.

**Palavras-chave:** gênero, sexualidade, diversidade, juventude

---

<sup>1</sup>Graduado do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, psi.viniciusoliveira@gmail.com

<sup>2</sup>Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, jime.degaray@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, juliairaja16@gmail.com

<sup>4</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, yasminsenasales@gmail.com

<sup>5</sup>Graduando do Curso de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, yuriws17@gmail.com

## INTRODUÇÃO

O presente texto pretende apresentar reflexões advindas de um projeto de extensão sobre gênero e sexualidade desenvolvido em duas turmas do oitavo ano em uma escola municipal do Rio de Janeiro. O referido projeto surge do interesse em propor reflexões sobre determinações sociais de nossa época que têm produzido e reforçado hierarquizações e opressões nas relações sociais e que tem culminado em modos restritos de existência em relação a ser homem e mulher. Nesse sentido, pensou-se na potência da discussão em grupos reflexivos na base da formação educacional a fim de problematizar, discutir estereótipos relacionados à feminilidade e masculinidade e tomando como base a escola como local onde as primeiras noções de mundo são discutidas e do seu potencial formador.

Uma vez que o tratamento desigual entre pessoas provoca violências de todo tipo como as simbólicas, psicológicas e materiais que podem culminar inclusive em agressões físicas, estupros e morte, e tendo como pressuposto que a temática de gênero e sexualidade já se encontra presente na escola (ao se demarcar constantemente nas falas e nas ações dos agentes institucionais o que é considerado de menino ou de menina) e tendo ainda como base uma escola que se propõe democrática, faz-se necessário discutir essa temática no sentido de promover a educação para a diferença, assim como o respeito a todos modos de ser e de afeto. Partindo da compreensão de que gênero e sexualidades são construídos e localizados historicamente e que desse modo podem ser problematizados, repensados, desconstruídos e com base no que foi supracitado, justifica-se assim a proposta de intervenção.

Com as atividades realizadas semanalmente com turmas compostas por sujeitos que podemos entender como no início da juventude, buscamos propiciar a discussão crítica sobre as relações de gênero e sexualidade. Ao fazermos isso, acabam surgindo, de forma articulada, preocupações e inquietações por parte desses jovens acerca de identidades culturais de território, religião e raça.

## METODOLOGIA

São realizados encontros semanais, sendo cada encontro com duração média de 50 minutos.

Utilizam-se como ferramentas/ disparadores das discussões propostas de dinâmicas de grupo, vídeos curtos sobre a temática, poesias, músicas, desenhos, dentre outros recursos que podem surgir como sugestão dos/as alunos/as participantes das oficinas. Assim sendo,

ênfatisa-se o planejamento das atividades de modo flexível e sendo construído em conjunto, a partir do interesse e da dinâmica de cada turma.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A lógica tradicional que pauta muitas das instituições escolares têm como pressuposto a transmissão de conteúdo e o resultado da aprendizagem, de tal modo que propor relações entre aquilo que é vivenciado pelos/as estudantes e aquilo que é aprendido na escola, nessa ótica, não faz muito sentido. Sendo assim, ocorre uma uniformização de tempos, estratégias e propostas educacionais que desconsideram os aspectos socioculturais daqueles/as que chegam à escola, como sua origem social, experiências vividas. Deixa-se de lado, portanto a diversidade, o que por sua vez só ratifica e amplia as desigualdades e injustiças sociais de seus alunos (Dayrell, 2001)

Entender estes jovens enquanto sujeitos socioculturais, que possuem uma história pregressa, visões de mundo, valores, desejos, projetos de futuro, sentimentos e emoções é uma forma de ultrapassar essa lógica homogeneizadora da escola acerca do alunado. Nessa perspectiva a matéria-prima pela qual os estudantes irão articular sua própria cultura é a experiência vivida, uma vez que eles já ocupam diversos espaços fora da escola, uma gama de experiências acumuladas por eles, e que através delas constroem a sua própria cultura, seu próprio modo de apreender o mundo que os cercam, podendo assim atribuir sentido e significado a realidade que estão inseridos (Dayrell, 2001).

Ao tomar como base que os/as alunos/as são sujeitos/as socioculturais, é importante perceber como os/as mesmos/as se apropriam do espaço escolar e como dão significado a ele, o que irá refletir no modo que eles/as se comportam dentro desse ambiente. Para além da mera transmissão de conteúdo, a escola se configura como um espaço de sociabilidade, de encontro com a diferença. Pode inclusive ser espaço de debate e confronto de ideias e valores, assim como de visões de mundo, algo que pode ser muito potente ao que tange o processo de formação e educação dos/as alunos/as, mas que muitas vezes é pouco explorado em detrimento daquela visão conteudista e homogeneizante da escola.

O contato entre pares e docentes que a escola propicia possibilita o convívio com a diferença, permite que os/as alunos/as possam falar de si, aprender a ouvir e respeitar o/a outro/a em sua alteridade, trocarem ideias e compartilhem sentimentos, além da valorização da afetividade. Esse potencial da vivência com o grupo, a lida com o conflito e a diferença pelo prisma do cotidiano, traz a possibilidade de percepção da dimensão educativa que esses encontros podem suscitar dentro da escola (Dayrell, 2001).

Entendendo a escola como local de formação e socialização de pessoas, sobretudo de cidadãos, é mais do que necessário entendê-la como espaço privilegiado para se trabalhar com a alteridade, respeito às expressões de gênero, sexualidade, questões étnico-raciais, entendendo esta postura como imprescindível para a vida democrática em sociedade.

Ao que tange às questões de gênero e sexualidade elas já se encontram presentes na escola, através de uma “pedagogia da sexualidade”, onde já se estabelece, de modo explícito ou implícito o que é ser homem ou mulher (Caetano, Lima, Castro, 2019). Aquilo que é atribuído como sendo masculino ou feminino não é algo universal e atemporal. Pelo contrário, é construído nas relações sociais, sendo contingenciais, ou seja, são localizáveis em um determinado momento histórico e correspondem a crenças e valores de uma determinada cultura. Sendo elas históricas e culturais, logo, podem ser desconstruídas.

Debater a temática de gênero e sexualidade se mostra necessário na medida em que aqueles/as que não se enquadram em uma determinada performatividade esperada socialmente acabam por se rotulados/as como anormais ou desviantes, o que pode implicar em diversos tipos de violência, seja ela simbólica, psicológica ou material. E é na escola, que também faz parte da lógica de doutrinação e docilização dos corpos da nossa sociedade, que ratifica-se determinados modos de expressão de gênero e sexualidade como aceitáveis, desejáveis e legítimos, o que implica na re(produção) de violências nos sujeitos que não se enquadram naquilo que é esperado em termos de expressão sexual ou de gênero.

A importância de se trabalhar com a diferença sobretudo na temática de gênero e sexualidade não somente permite questionar o que se encontra instituído hierarquicamente na sociedade em relação ao tema, mas também o respeito ao próprio corpo e ao corpo do próximo, que por conseguinte possibilita uma conscientização que poderia proteger as crianças/jovens de possíveis abusos/violências contra si e contra outros/as (Caetano, Lima, Castro, 2019).

Refletir sobre as relações e os modos de ser e estar em sociedade se faz cada vez mais necessário a fim de que se possa combater os diversos modos de violência presentes em nosso cotidiano, uma vez que os sujeitos inseridos em sociedade podem ser parte da reprodução dessas violências. Conviver com a diferença é parte fundamental para o convívio em sociedade e nesse sentido, discutir coletivamente as construções de gênero, sexualidade, assim como raça, religião, território na escola é muito importante, uma vez que a vivência desses/as jovens no cotidiano é marcada por conflitos e contradições, mas também pela explicitação da diversidade e da sua importância nas trajetórias juvenis.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossos encontros buscamos, através das atividades propostas que mobilizavam diversos disparadores e recursos, que os/as jovens pudessem se expressar, discutir ideias e problematizações acerca de gênero e sexualidade, de forma articulada com atravessamentos de raça, religião, geração e território.

Uma das nossas atividades, denominada “Cada corpo, uma história”, tinha como proposta que eles/as, em pequenos grupos, desenhassem a silhueta de um corpo e a partir disso pudessem completar o desenho com elementos que formariam um personagem, como traços faciais, tatuagens, itens de roupa e outras marcas corporais. A ideia era que eles pudessem discutir de que forma esses elementos marcam o corpo e a história da pessoa.

Nas duas turmas apareceram elementos importantes, que traziam em suas histórias elementos fantasiosos de desenhos animados e filmes e que dialogam com a vivência cotidiana destes/as jovens, associados a elementos importantes a respeito de gênero, raça, classe, território, orientação sexual, religião. Uma das personagens, trazida por um grupo majoritariamente feminino, era uma mulher independente financeiramente e que se sustentava fazendo vídeos sozinha, assim como se relacionava sexualmente com homens e mulheres.

Outro personagem criado por um grupo exclusivamente meninos, proporcionou uma situação de conflito na turma, pois o personagem em questão era um traficante que pertencia a uma facção de tráfico de drogas. No papel, estava escrito “CV”. Quando perguntamos o que a sigla significava, os meninos falaram: “Cristo Vive”, forma em que a organização Comando Vermelho é referenciada de forma a não explicitar seu conteúdo. Essa referência provocou desconforto e incômodo em duas alunas que questionaram a associação do tráfico com a religião, por serem evangélicas.

O personagem era bastante tatuado, e cada tatuagem parecia contar a história de algum acontecimento marcante/triste de sua vida, como a tatuagem das lágrimas no rosto que relembram a morte do cachorro dele. Outra característica marcante desse personagem eram os elementos de desenhos animados que o compunham, os quais se manifestavam nas tatuagens e nos objetos que o vestiam. Esses elementos, ao lado das marcas no corpo e da relação com o tráfico, nos permitem pensar em como o lúdico e os acontecimentos marcantes/tristes se mesclam na cotidianidade desses alunos.

Em outra atividade denominada “Caixa de pandora” utilizou-se uma caixa que continha pequenos pedaços de papel com frases disparadoras contendo falas estereotipadas do senso comum sobre diferenças entre homens e mulheres que escutamos em nosso cotidiano e

que trazem incômodo, como por exemplo: “Homem não demonstra sentimentos”, “senta direito e fecha as pernas”, “short curto. Está pedindo...”, entre outras. Um aluno lia uma das frases contidas na caixa e em seguida, perguntamos a sua opinião sobre a frase e em seguida, os/as demais participantes também poderiam expressar sua opinião.

Algumas falas que nos chamaram a atenção foram de que as meninas trouxeram que elas têm percebido o assédio na rua por parte dos homens na atual faixa etária delas, o que nos faz pensar a importância de ter um espaço para discussão de temáticas sobre gênero e sexualidade tanto com as meninas e principalmente com os meninos, para que futuramente não se tornem reprodutores de assédio. Percebemos também durante outros relatos nessa atividade que a demonstração de sentimentos para os meninos pareceu um tabu, o que nos faz pensar em relação a construção da masculinidade em nossa sociedade, ou seja, do que é socialmente permitido/esperado do homem, mais especificamente de que o homem deveria “ser forte” e não demonstrar seus sentimentos.

Em outra oportunidade, foi elaborada uma atividade que tinha como proposta discutir sobre consentimento. A proposta também foi interessante para mostrar a heterogeneidade de experiências e percepções dos/as alunos/as sobre questões de sexualidade, tendo em vista que alguns/as alunos/as rapidamente entenderam o objetivo da atividade, discutir consentimento no que tange a aproximações eróticas e sexuais, enquanto outros/as demoraram ou sequer entenderam o que estava por trás da proposta. Outras falas importantes também surgiram dessa atividade, como a pontuação de um aluno sobre a dificuldade em lidar com pais conservadores e inclusive nos confidenciou que era gay, porém não havia contado para os pais por medo de não ser aceito e que se sentia muito mal por isso.

Na atividade denominada como “Mapa do Brasil” tinha como proposta incentivar o interesse dos/as alunos/as por outras regiões do país, promover a quebra de estereótipos culturais, estimular o compartilhamento de histórias de vida e familiares com o intuito de desmistificar preconceitos sobre outras regiões e estados além de tornar possível a identificação/conexão de histórias entre eles/as. Quando conversávamos sobre a expressão cultural da Folia de Reis, surgiu uma fala importante a respeito de território, onde um dos alunos pontuou que apesar da proximidade, por morar em uma região dominada por uma determinada facção, não poderia transitar por uma comunidade vizinha que era dominada por uma facção rival, nem sequer para prestigiar a Folia local. Mesmo que muito jovens fica evidente como os alunos já têm consciência a respeito da violência cotidiana que vivem e é importante refletir como certos espaços acabam sendo restritos a determinados grupos, cerceando-os do direito de ir e vir caso contrário pode implicar em colocar sua própria vida

em risco. Foi impactante para nós, no meio de uma atividade sobre conhecimentos e experiências em outros estados, pensar que as limitações do direito de ir e vir afetam a circulação na mesma cidade.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É possível observar como a temática de gênero e sexualidade se encontra presente no cotidiano dos/as jovens, seja dentro ou fora dos muros da escola. Nesse sentido, se mostra importante possibilitar espaços de discussão e problematização daquilo que é instituído socialmente acerca dessa temática e que provoca diversas formas de violência e opressão que geram desdobramentos e restringem modos de existir e performar masculinidades e feminilidades. Além disso, atravessamentos de raça, território, religião e geração produzem e significam as vivências desses/as sujeitos/as, enquanto seres sócio-culturais imersos em uma determinada cultura e temporalidade que irão interferir no modo como as suas experiências de sexualidade e de gênero são vivenciadas. Entendendo a escola como espaço privilegiado para a formação humana, como espaço de encontro e afetividade com a diferença, se mostra ambiente mais do que propício para que essas discussões possam ocorrer.

### **REFERÊNCIAS**

- CAETANO, Marcio; LIMA, Carlos Henrique Lucas; CASTRO, Amanda Motta. Diversidade sexual, gênero e sexualidades: temas importantes à educação democrática. *Colloquium Humanarum, Presidente Prudente*, v. 16, n. 3, p.5-16, 2019.
- DAYRELL, Juarez. Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo horizonte, Editora UFMG, p.136-161, 2001.